

OS CLUBES ESPORTIVOS E SUA PARTICIPAÇÃO NA SEMANA DA PÁTRIA EM PORTO ALEGRE: DESFILES E COMPETIÇÕES CÍVICO- EDUCATIVAS (1930/1940)

Janice Zarpellon Mazo¹

Luis Henrique Rolim²

Resumo: Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa mais abrangente que trata das questões relativas ao fenômeno cultural do associativismo esportivo em Porto Alegre. No período do Estado Novo (1937-1945) emergiram várias comemorações visando à construção da nação brasileira. Uma dessas festividades foi à chamada “Semana da Pátria” em Porto Alegre que envolvia diversos setores da sociedade. Compreender como ocorreu a participação dos clubes esportivos nos desfiles e competições comemorativas da “Semana da Pátria” em Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940 é o objetivo desse estudo. As fontes consultadas foram impressas e orais. Através da análise das fontes evidenciou-se que os clubes esportivos, particularmente aqueles identificados com os imigrantes alemães e italianos, foram pressionados a participar das manifestações cívicas e patrióticas durante o Estado Novo. Havia a preocupação dos dirigentes e atletas dos clubes esportivos em afirmar a identidade nacional brasileira durante um período de elevada oposição a outras identidades culturais. Estas identidades construídas pelos clubes esportivos fundados pelos imigrantes em Porto Alegre eram unificadas através das “Paradas da Mocidade” e das competições esportivas. A intensa participação dos clubes esportivos na “Semana da Pátria” sugere que estes contribuíram para a preservação e afirmação da memória nacional brasileira.

Palavras-chave: Clubes esportivos. Semana da Pátria. Porto Alegre.

The Sports Clubs And Their Participation In Porto Alegre City “Semana Da Pátria”: Parades And Civic-Educative Competitions

Abstract: This study is part of a wider research project on questions related to the cultural phenomenon of Porto Alegre city sports associations. In the “Estado Novo” period (1937-1945) some commemorations emerged aiming to the Brazilian nation construction. One of these celebrations was called “Semana da Patria” in Porto Alegre which involved diverse sectors of the local society. The objective of this study is to understand how occurred sports clubs participation in the “Semana da Pátria” parades and commemorative competitions, in Porto Alegre, during the 1930 and 1940 decades. The consulted sources were documents and interviews. Through sources’ analysis it became evident sports clubs, particularly those identified to the German and Italian immigrants, had been pressured to participate in civic and patriotic manifestations during the “Estado Novo”. There was the concern of sports clubs managers and athletes in affirming Brazilian national identity during a period of high opposition to other cultural identities. These identities constructed by sports clubs established by the immigrants in Porto Alegre were unified through the “Paradas da Juventude” and sports competitions. The intense participation of sports clubs, in the “Semana da Pátria”, suggests that they contributed to the preservation and affirmation of the Brazilian national memory.

Key-words: Sports clubs. Semana da Pátria. Porto Alegre.

¹ Doutora, Professora da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

Desfiles em verde e amarelo com a presença de atletas medalhados e inúmeras competições esportivas são alguns fragmentos da memória porto-alegrense acerca da participação dos clubes esportivos nas comemorações da saudosa “Semana da Pátria” nas décadas de 1930 e 1940 (MAZO, 2003; PIMENTEL, 1945; REVISTA DO GLOBO, 1938; TORRES, 1997). A promoção destas comemorações foi intensificada no período do Estado Novo (1937-1945), visando despertar um sentimento de pertencimento ao Brasil (CARONE, 1976). Buscava-se afirmar uma idéia de nação brasileira, através das comemorações de datas cívicas, com destaque especial ao dia da Independência do Brasil: o “Sete de Setembro”. O estudo de Sganzerla (2001,p.118), que tratou das manifestações cívicas ocorridas no município de Guaporé (RS) constatou que, “sobretudo, na comemoração do 7 de Setembro, observava-se a efervescência do espírito de ‘brasilidade’”.

As comemorações e outras ações faziam parte da campanha de nacionalização, instituída pelo governo brasileiro no final da década de 1930. A campanha de nacionalização alicerçava-se na idéia de que as ações de caráter comemorativo das datas cívicas brasileiras contribuiriam para a construção da identidade nacional brasileira. No Estado Novo, as comemorações se constituíram enquanto um meio de educação cívica, que buscava inculcar na memória dos brasileiros as representações da identidade nacional.

De acordo com Smith (1997, p.177), “a identidade nacional revela-se em toda uma variedade de pressuposições e de mitos, de valores e de memórias, bem como, na linguagem, nas leis, em instituições e cerimônias”. Nesse sentido, a identidade nacional estabelece conexões intimamente relacionadas com elementos da identidade cultural.

No Brasil, segundo Santos (1993), identidade cultural é sinônimo de identidade nacional. Considerando isto, as comemorações almejavam a formação de elos de identificação cultural entre os brasileiros. Nesta perspectiva, foram acionadas estratégias representacionais (HALL, 1997), que vislumbravam a homogeneização cultural do Brasil, sobretudo, a partir de 1937, quando tomou corpo uma política centralizadora que visava à eliminação das particularidades regionais.

Conforme Gertz (1991,p.7), considerava-se “que uma rígida campanha de nacionalização garantiria o estabelecimento definitivo da unidade e homogeneidade étnico-cultural-religiosa no Brasil”. Para tanto, as ações nacionalizadoras foram incisivas em alguns pólos regionais, principalmente, onde havia a presença marcante de

imigrantes europeus. No Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães e italianos produziram representações culturais identificadas com a Pátria de origem. Sendo assim, tornaram-se foco de atenção da campanha de nacionalização que tentou eliminar as fronteiras culturais impondo a necessidade de que a população construísse um sentimento de pertencimento a nação ao invés das diversas regiões.

Tendo em vista a necessidade de consolidar a relação de pertencimento ao Brasil foram produzidas algumas práticas culturais e simbólicas, cuja repetição objetivava atualizar, constantemente, a adesão imaginária do indivíduo à sociedade. Dentre estas práticas, as comemorações são consideradas os aspectos mais duradouros e poderosos na afirmação de identidades. Tais eventos encarnam os conceitos básicos do nacionalismo, “tornando-os visíveis e distintos para todos os membros, transmitindo os princípios de uma ideologia abstrata em termos palpáveis e concretos, que suscitam reações emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade” (SMITH, 1997, p.102).

As cerimônias, enquanto uma manifestação cultural, apresenta um forte apelo à reunião e a unificação. Segundo Thiesse (2000), os feriados nacionais, a bandeira e o hino nacional são partes da construção de uma memória nacional capaz de organizar e disciplinar os indivíduos. Os desfiles, também conhecidos como paradas, produzem um espetáculo que traduz as grandes referências identitárias culturais de forma ordenada e harmoniosa. Nestes eventos figuram “os diversos componentes do conjunto nacional – identificados, nomeadamente, pelos trajes regionais – sob a égide de representantes do Estado e de eleitos da nação” (THIESSE, 2000, p.234).

Para Hobsbawm (1984), os desfiles são verdadeiros espetáculos nos quais se sucedem uma narrativa permeada por ideais nacionalistas, seja ela real ou inventada, a ser compartilhada por todos. Ryan (1992) refere que a parada representa a história que um povo conta sobre si mesmo. É um meio de difundir o patrimônio da nação despertando na população o sentimento de pertencimento comum. Nesta perspectiva, as paradas ou desfiles contribuem no processo de educação para o cultural.

O processo de educação visando à construção de uma identidade cultural é realizado pela escola e “em todas as atividades de lazer da população” (THIESSE, 2000, p. 236). Tendo em vista que são espaços privilegiados para o lazer e sociabilidades, os clubes esportivos podem se configurar em lugares de educação para o cultural, através do comprometimento com práticas culturais, que impõem crenças comuns à população ao traçarem imagens fundadoras da nacionalidade.

Pesavento (1991, p. 72) afirma que “sob o tema cadente da ‘brasilianização’ do país, da busca do progresso e da modernidade com base numa harmonia social, o estado desenvolve sua ação interventora, na cadência dos desfiles militares e das paradas da mocidade”. A intervenção do Estado expandiu-se a todos os setores da sociedade brasileira atingindo, também, o associativismo esportivo. Frente a esta situação, os clubes esportivos engajaram-se nas chamadas comemorações cívicas realizadas no mês de Setembro, especialmente, na “Semana da Pátria”.

O objetivo do presente estudo é reconstituir como ocorreu a participação dos clubes esportivos nos desfiles e competições realizadas durante as comemorações da “Semana da Pátria” em Porto Alegre a partir de meados dos anos 1930 até meados de 1940.

A pesquisa buscou apoio em autores que representam a chamada “Nova História Cultural” (BURKE, 2005; CHARTIER, 2000), que por seus pressupostos teórico-metodológicos permitem uma abordagem analítica do objeto de estudo. Nessa perspectiva, foram consultadas fontes impressas e gravados depoimentos orais de dirigentes e atletas dos clubes esportivos de Porto Alegre, citados no texto pelas letras iniciais de seu nome e sobrenome para preservar sua identidade. Na seqüência são apresentadas as informações obtidas através da pesquisa documental e das fontes orais.

Os clubes esportivos são “convocados” a participar da “Semana da Pátria”

A participação dos clubes esportivos nas comemorações da “Semana da Pátria” não era determinada aleatoriamente. Havia uma entidade que cuidava das comemorações das datas cívicas brasileiras para serem transformadas em eventos de educação cívica: a Liga de Defesa Nacional (LDN). Suas principais finalidades eram: manter em todo o país à idéia da coesão e integridade nacional, propagar a educação popular e profissional e, ainda, difundir nas escolas, lares, oficinas, corporações, associações e clubes, a educação cívica, o amor à justiça e o culto do patriotismo (BOLETIM DA LIGA DA DEFESA NACIONAL, 1983). A LDN atuava no processo de nacionalização através de manifestações patrióticas e cívicas, realizando festas comemorativas à Independência do Brasil e as demais datas cívicas, com inflamadas demonstrações de brasilidade.

No Rio Grande do Sul, a LDN foi instalada em 12/10/1937, tendo o general Osvaldo Cordeiro de Farias – interventor federal do Rio Grande do Sul – como

presidente de honra do Diretório Regional e Getúlio Vargas, no cargo de presidente de honra do Diretório Central da LDN (PIMENTEL, s/d). O Diretório Regional da LDN, sob a coordenação do Major Inácio de Freitas Rolim, ficou responsável pela coordenação das atividades comemorativas da “Semana da Pátria”, que começavam, geralmente, no final de agosto e estendiam-se até o dia “Sete de Setembro”. Após o encerramento das comemorações, a LDN conferia aos clubes esportivos que participavam da “Semana da Pátria” um diploma (BÖHM e CARVALHO, 2001).

Além, da LDN, as comemorações contavam com o apoio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado pelo Decreto-Lei n. 1.915 de 27/12/1939, cuja finalidade era restringir a liberdade de expressão dos meios de comunicação (BOBBIO, 1945). O DIP também supervisionava os desfiles e demais cerimônias cívicas, as quais contavam com o apoio das quatro associações cívicas existentes em Porto Alegre em 1940 (FRANCO; SILVA & SCHIDROWITZ, 1940, p. 19).

As comemorações nas quais a participação dos clubes esportivos foi destacada eram a parada do “Sete de Setembro” e, claro, as competições esportivas.

A Parada do “Sete de Setembro”

A parada do “Sete de Setembro”, data da Independência do país, era um dos principais acontecimentos do ritual patriótico dos brasileiros. Os desfiles formulados à imagem da nação brasileira se constituíram no ponto central do feriado de “Sete de Setembro”. Pimentel (s/d, p.18) refere que este evento congregava “representações das forças vivas da nacionalidade num préstito inédito, intercalando o desfile, bandas de clarins e conjuntos militares de música”. A comemoração concentrava todos os elementos da mocidade da capital: “mundo esportivo completo, colégios, escoteiros, associações, forças militares, Tiros de Guerra, operários, etc. com grande quantidade de bandeiras na sua evolução completa” (PIMENTEL, s/d, p.18).

De acordo com registro de Franco; Silva & Schidrowitz (1940, p.318), “o desfile da mocidade é o ponto máximo das comemorações. Quem o assistiu não esquece”. Os depoimentos orais de ex-atletas reforçam esta afirmação. Conforme a entrevistada LB “havia uma expectativa com relação aos desfiles; a gente se preparava, era uma festa!”. O entrevistado LA ao relatar sua primeira participação nos desfiles ficou visivelmente emocionado (olhos vermelhos, embargados): “eu me lembro como se fosse hoje”.

O local do encontro dos participantes do desfile era o Parque Farroupilha (REVISTA DO GLOBO, 1941). As paradas eram realizadas na rua principal da cidade pela Avenida Borges de Medeiros e “congregava um número expressivo de participantes. Havia um clube que desfilava com 600 pessoas, todos com mastros grandes e bandeiras nacionais grandes, todas iguais” (entrevistado NA). A população posicionada nas calçadas aplaudia e prestigiava o desfile dos atletas marcado pela grande expressividade estética.

Para Franco; Silva & Schidrowitz (1940, p. 319) os desfiles eram “magníficos espetáculos”. Os depoimentos coletados referem detalhes do caráter performático dos desfiles. O entrevistado AT relatou que “aquilo era um acontecimento, por que todo mundo ia fardado, de acordo com a época”. As roupas usadas nos desfiles segundo descrição do entrevistado eram: “geralmente calça branca e a camiseta do clube, e pendurava todas as medalhas na camiseta. Tinha gente com uma quantidade imensa de medalhas, nas costas, na frente, que era tudo atração”. Este entrevistado foi remador e se destacou tanto em competições locais quanto regionais e, por isso desfilava uniformizado “com várias medalhas presas na camiseta”. Inclusive, durante a gravação da entrevista levantou-se da poltrona e foi em direção à parede onde estava fixado um quadro de vidro. Neste havia uma fotografia na qual está vestido para o desfile e disse em um tom de voz alto e enfático (com uma expressão facial de alegria): “aqui eu tenho uma medalha bonita que usei no desfile. Eu sempre saia todo medalhado!”. Outra lembrança do desfile foi mencionada pela entrevistada IS: “tinha que botar tudo quanto era medalha. Todo mundo tinha que desfilar com o peito cheio de medalhas, em cima de jipes, com bandeiras do Rio Grande do Sul”. Já os ciclistas, além das medalhas desfilavam com suas bicicletas enfeitadas. A entrevistada LB contou que “todo o rodado da bicicleta era feito com fita crepom, verde e amarelo”.

Os desfiles realizados durante a “Semana da Pátria”, também conhecidos como “Parada da Mocidade” contava com a participação maciça dos clubes esportivos em Porto Alegre. O Jornal Correio do Povo (1938, p. 15) publicou reportagem de uma página intitulada “A grande parada da mocidade”, que anunciava: “alcançou êxito notável o desfile das formações desportivas e de educação física da cidade – milhares de pessoas compareceram a imponente manifestação”. Os depoimentos evidenciam que a participação dos clubes nas comemorações da “Semana da Pátria” em Porto Alegre era intensa: “tinha a Parada da Pátria, onde os clubes eram o destaque principal da parte civil, na parada. Era a Parada da Mocidade, que chamavam” (entrevistado LA).

Os clubes esportivos, no princípio, desfilavam junto com os militares. Com o crescimento do número de participantes foi organizado um desfile civil e um desfile militar “por que não dava, era grande demais” (entrevistado HL). O entrevistado relatou que “os desfiles ficaram de tal ordem, cresceram de tal ordem tanto na capital como no interior, mas mais na capital, que praticamente era um mês, o mês de setembro era a programação”. O entrevistado AB conta que “vinham às corporações do interior, bandas militares a cavalo, eu nunca tinha visto né, vinham todos estes, não sei quantos, quantos milhares de... desfilavam em Porto Alegre, era uma coisa fantástica”. Para o entrevistado HL as festividades “passaram a ser muito bonitas, e participava desde o aluno do curso primário, do ginásio, o universitário, sindicatos e clubes”. Posteriormente, foi necessário limitar o número de participantes por representação de entidade “porque começava às 8h30min, e era pontual e terminavam às duas da tarde, sem parar” (entrevistado HL).

Decorrente da reestruturação do formato do desfile foi organizado o Desfile do Préstito Alegórico, no qual participavam carros, que conduziam imagens dos heróis nacionais, cartazes de divulgação do trabalho das instituições e equipamentos representando a indústria, o comércio, a agricultura, a pecuária, as artes e os esportes (JORNAL CORREIO DO POVO, 1940, p. 11). O carro alegórico denominado “A Arte nos Esportes”, conduzindo ginastas vestidos como se fossem atletas gregos foi o destaque apresentado pela SOGIPA nas comemorações da “Semana da Pátria” de 1941 (AMARO JR., 1942, p. 34).

A participação das associações teuto-brasileiras, como a SOGIPA, sempre foi marcante nos desfiles. Conforme Silva (1997, p. 64), “desde o início dos anos” 40, a Sogipa já vinha demonstrando, tanto em discurso como em ação, sua preocupação em afirmar-se como entidade brasileira, o que se pode notar nas frequentes participações nas Paradas da Mocidade [...] e nas diversas comemorações da Semana da Pátria. Todavia, nas comemorações da Semana da Pátria de 1942 foi inexpressiva, pois passaram a ser vistas como “inimigas” (depoimento AB). O período coincide com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial declarando-se contrário à Alemanha. Foi justamente em 1942 que a sociedade ginástica foi forçada a mudar seu nome original em alemão – *Turnerbund* – para “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867” – SOGIPA. Esta e outras medidas eram tentativas para se criar um denominador sócio-cultural comum através da vigilância das atividades físico-esportivas e sócio-culturais dos clubes.

O entrevistado HL lembrou dos desfiles cívicos promovidos durante o Estado Novo: “começaram aqueles desfiles da juventude dos quais eu participei de vários porque era obrigado”. Da mesma forma, a entrevistada IS referiu que “as grandes comemorações e festividades foram muito incentivadas, até meio a força, pela ditadura do Getúlio Vargas, que bateu sempre muito forte nisso”. Contudo para a entrevistada LB “ninguém desfilava por obrigação, a gente gostava daquilo. Eu desfilei várias vezes”. Conforme o depoimento do ex-atleta AB, o desfile “era muito bonito, era interessante! Descontados os exageros até que era interessante, e hoje não tem mais. Não tem civismo, não tem nada. Era um momento cívico meio forçado, mas era”. Conclui sua fala dizendo: “eles empurravam o civismo pra gente”. A reportagem publicada pelo Jornal Correio do Povo (1938, p. 5) refere o forte caráter cívico dos desfiles: “num ambiente de intensa vibração e civismo foram encerradas as comemorações da Semana da Pátria”. A maioria dos entrevistados, embora tenham percebido os “exageros” e “imposições” das comemorações, lamentaram o enfraquecimento das comemorações da “Semana da Pátria”, em especial o “Sete de Setembro”.

As Competições Esportivas

Houve grande incentivo à realização de competições esportivas com forte conotação cívica, a partir da segunda metade da década de 1930. Um número especial da Revista do Globo (1933) anunciava a proliferação de competições esportivas nas mais diversas modalidades. O ex-atleta AB relatou que “participava das demonstrações, competições e de tudo que era esporte relacionado com a parte cívica que era exatamente da ‘Semana da Pátria’. Aí incluía tudo: atletismo, ciclismo, basquete, vôlei, todos os esportes”. A “Corrida Rústica Semana da Pátria”, a “Prova Semana da Pátria de Bicicletas” e o “Torneio Cívico de Futebol” eram alguns exemplos das competições realizadas nas comemorações da “Semana da Pátria”, que homenageavam os heróis da Pátria brasileira e as datas nacionais (JORNAL CORREIO DO POVO, 1938, p. 12).

De acordo com a Diretoria de Estatística Educacional da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Porto Alegre, as 156 associações da cidade, promoveram 3.609 competições esportivas no ano de 1937. No ano seguinte, as associações esportivas se multiplicaram, totalizando-se 254, sendo que houve um grande crescimento das associações de futebol até o final da década de 30. Em 1938 foram promovidas 5.023 competições, das quais participaram 23.092 atletas distribuídos nas seguintes

modalidades: 3.971 no futebol, 3.634 na ginástica geral, 3.120 no atletismo, 1.798 na natação, 1.490 no remo, 1.146 no basquetebol, 1.190 no voleibol, 653 no tênis e 653 no bolão (REVISTA VIDA POLICIAL, 1939).

As competições privilegiavam a juventude brasileira, mas também passaram a incluir as mulheres. Em 1938, a participação feminina foi mais numerosa nas seguintes práticas esportivas: ginástica (371), natação (325), tênis (148), atletismo (90), bolão (55) e voleibol (52) (REVISTA VIDA POLICIAL, 1939). A visibilidade das mulheres no cenário esportivo foi evidenciada na realização do I Campeonato Nacional de Atletismo Feminino, no Estádio Ramiro Souto em Porto Alegre, no ano de 1940 (AMARO JR., 1949, p. 138).

As competições esportivas eram realizadas durante o mês de setembro tendo o caráter comemorativo da “Semana da Pátria”. Geralmente, as competições eram precedidas pelo hasteamento da bandeira brasileira ao som do hino nacional cantado pelos atletas constituindo-se em “um ato de caráter cívico” (PIMENTEL, 1945, p. 19). Exemplo disso, era a cerimônia cívica realizada na abertura das regatas pela Liga Náutica Rio Grandense, que contava com a presença de figuras representativas do governo. Além de autoridades militares, de representantes da Secretaria de Educação do Estado, era comum a presença dos interventores federais do Rio Grande do Sul, com destaque para o Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias e Ernesto Dornelles.

A visita das autoridades políticas e militares de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul às instalações dos clubes de remo foi uma estratégia de consolidação do compromisso dos clubes com a campanha de nacionalização. Afinal, estas instituições durante um longo período de tempo foram identificadas com a comunidade teuto-brasileira (MAZO, 2003). Porém, o panorama social e político exigiam dos clubes teuto-brasileiros a construção de outras representações identificadas com a cultura brasileira.

Desta forma, a Liga Náutica Rio Grandense procurava demonstrar sua posição favorável à política de nacionalização, exibindo-se enquanto uma notável escola de civismo (COERTJENS; GUAZELLI; WASSERMAN, 2004). Para além das competições festivas da “Semana da Pátria”, a Liga procurava manifestar seu sentimento cívico-patriótico em outros eventos. Por ocasião do 50º aniversário do Clube de Regatas Guaíba - Porto Alegre (GPA) em 1938, o presidente da Liga Náutica Rio Grandense, capitão Darcy Vignoli fez um pronunciamento permeado por idéias nacionalistas:

Passai um olhar por essas grandes aglomerações raciais e vereis que povos fortes, povos dominadores, povos que tem capacidade para sancionar o que julgam ser seu Direito, são os povos cuja mocidade é sã, é alegre, é disciplinada, povos cuja juventude goza saúde, usufrui a alegria de viver. Povos cujos adolescentes dedicam todos os ócios da luta pela vida à prática salutar dos desportos. Povos que fazem da educação física, dos jogos desportivos, uma religião dos seus moços. Povos cujos governos amparam, acionam, oficializam, obrigam seus jovens à prática da educação física, como base da saúde, do poder da nação. (PIMENTEL, 1945, p.158).

As palavras do capitão Vignoli apresentam a função atribuída às práticas esportivas e a educação física no final da década de 1930. O discurso enfatiza as atividades físicas e esportivas, enquanto alicerces para a construção da identidade cultural brasileira. O fato de fazer este pronunciamento no tradicional Clube de Regatas Guaíba - Porto Alegre indica que este clube esportivo atravessava um processo de recomposição de sua identidade cultural devido à política nacionalizadora do Estado Novo.

A trajetória histórica desta entidade estava vinculada aos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros), que além desta entidade fundaram os dois primeiros clubes de remo em Porto Alegre na segunda metade do século XIX. Porém, a identificação do clube com a comunidade teuto-brasileira foi silenciada e o passado da Liga Náutica é recuperado no sentido de reforçar seu caráter patriótico: “A Liga Náutica, atualmente Federação Aquática do Rio Grande do Sul, tem um passado tão nobre, tão belo, tão patriótico que ela se fez uma das maiores expressões do remo no país” (PIMENTEL, 1945, p.156). Segundo Coertjens; Guazelli; Wasserman (2004, p.38), “os valores cultuados no remo serviram num primeiro momento, para o fortalecimento da identidade teuto-brasileira e, mais tarde, para incorporar esse grupo étnico num exigente processo nacionalizador”.

A diretoria da Liga Náutica Rio Grandense alinhou-se ao processo de nacionalização do país na década de 1940: “A Liga Náutica tem cooperado decisivamente em todas as grandes realizações de caráter social, desportivo e patriótico que tiveram lugar em Porto Alegre, contribuindo em muito para o brilhantismo das mesmas” (FRANCO; SILVA & SCHIDROWITZ, 1940, p.643). A Liga Náutica era uma forte entidade esportiva em Porto Alegre, pois “possuía mais de 5.000 remadores,

sócios dos clubes federados à mesma Liga, em 1940” (PIMENTEL, 1945, p. 159). Além disso, promovia muitas competições, como exemplificam os números da temporada 1940-1941: 75 competições de remo totalizando 1.803 participantes (AMARO JR., 1942, p. 99).

Os clubes de remo vinculados à Liga Náutica, também procuravam demonstrar seu caráter patriótico. O Grêmio Náutico União, fundado por teuto-brasileiros, foi apontado como um exemplo: “a tenacidade, o esforço hercúleo, o dinamismo aliado ao patriotismo, toda sorte de dedicações fizeram do clube onde se tornou *sportman* consagrado o capitão Darcy Vignoli, uma potência possuidora das melhores instalações aquáticas da capital” (PIMENTEL, 1945, p.160). O capitão Darcy Vignoli destacava-se não apenas por ser atleta deste clube esportivo, mas pelo fato de ocupar o cargo de presidente da LDN em 1941, e dois anos depois ser empossado chefe da Polícia do Estado do Rio Grande do Sul (REVISTA VIDA POLICIAL, Setembro de 1943, p. 41-43). O novo cargo rendeu-lhe homenagem na sede do *Club de Regatas Vasco da Gama* – tradicional clube de remo que congregava majoritariamente a comunidade luso-brasileira (REVISTA VIDA POLICIAL, Outubro de 1943, p. 67; REVISTA VIDA POLICIAL, Novembro de 1943, p. 9).

As fontes impressas demonstram que o remo foi uma das práticas esportivas escolhidas para afirmar um sentimento de pertencimento ao país. Consta na capa do programa oficial de regatas do ano de 1943 a seguinte frase de autoria do coronel Osvaldo Cordeiro de Farias (interventor federal no Rio Grande do Sul): “O desporto náutico tem sido a pedra angular de campanha cívica em nosso Estado” (HOFMEISTER, 1978, p.82). Talvez, isto tenha acontecido porque os clubes de remo não ofereceram tanta resistência ao processo de nacionalização quanto às sociedades de ginástica em Porto Alegre.

Assim como aconteceu com os clubes de remo, outras associações esportivas que tinham forte vínculo com a comunidade teuto-brasileira foram forçadas a se engajar nas comemorações cívicas ou contribuir para a realização das mesmas. A LDN solicitou uma contribuição em dinheiro da SOGIPA para a realização de atividades cívicas em 1942 (SILVA, 1997). Diante do panorama político, os dirigentes da SOGIPA não resistiram à esta imposição e tantas outras demonstrações de “brasilidade”.

Neste contexto, outra prática esportiva foi construindo, gradualmente, sua identificação enquanto uma prática esportiva brasileira. O futebol começou a receber uma atenção especial dos jornais porto-alegrenses, especialmente do Jornal Folha da

Tarde. O Campeonato Popular de Futebol de Porto Alegre era destacado pela imprensa gaúcha, como o maior neste gênero realizado no país. O número de clubes participantes crescia a cada ano: em 1937 foram 60; em 1938 aumentou para 102; em 1939 totalizou 106; em 1940 computou-se 172 associações esportivas. As disputas eram precedidas de uma grande parada olímpica, com grande sucesso devido ao número de participantes em torno de 4.000 pessoas (MAZO, 2003).

Através das competições, o futebol estendeu-se a todas as camadas da população. Era uma forma das comunidades se fazerem representar no projeto nacional brasileiro. Neste período, Porto Alegre ainda não possuía um grande estádio de futebol aos moldes do Estádio Maracanã no Rio de Janeiro e do Pacaembu em São Paulo (AMARO JR., 1949). Contudo, a prática do futebol tomava conta dos espaços disponíveis e alargou-se para todos os estratos sociais da população porto-alegrense. Os espaços públicos tornaram-se palco não apenas do futebol, mas de eventos esportivos de outras modalidades, como por exemplo, o Torneio de Basquete e Vôlei realizado na Praça Dr. Montauray em 1938 (PIMENTEL, 1945, p. 433).

Além das competições, eram realizadas outras atividades que promoviam as práticas esportivas. A Campanha Pró-Natação, que visava à realização de conferências de caráter cultural-esportivo nas sedes dos clubes esportivos da cidade, é um exemplo (PIMENTEL, 1945, p. 19). Como resultado desta campanha, na temporada de 1940-1941 a Federação Aquática do Rio Grande do Sul (FARGS) promoveu diversas competições, que totalizaram 1.224 participantes nas seguintes provas: 90 provas de natação infantil, 16 de natação escolar, 4 de natação escoteira, 113 de natação para adultos, além das 13 provas de saltos ornamentais e 8 de pólo aquático.

As competições esportivas multiplicavam-se, como pode ser observado no quadro abaixo. Estas manifestações esportivas sugerem a introdução de novos objetivos, novos ideais, contemplando uma população mais abrangente, visando uma educação cívica e patriótica dos brasileiros. Os eventos esportivos evidenciam que até mesmo as pessoas pertencentes às menores escalas econômico-social, como os trabalhadores operários podiam integrar-se à nação brasileira. O quadro abaixo, elaborado pelos autores do estudo, a partir das fontes impressas consultadas, procura mostrar a diversidade de modalidades esportivas disputadas nas competições.

NOME DA COMPETIÇÃO	ANOS
I Campeonato Nacional de Atletismo Feminino	1940
Circuito Motociclístico Folha da Tarde	1937/1940
Campeonato Popular de Ping-Pong	1938/1939/1940/1941
Corrida Pedestre de Rua	1937/1938/1939/1940/ 1941
Campeonato Cidadino de Bolão	1939
I Campeonato Ginásial de Natação do RS	1939
Campeonato Popular de Basquete	1938/1940
Regatas Internacionais no Clube Navegantes	1940
Primeira Olimpíada Militar	1940
Campeonato Popular de Natação	1940
Corrida Infantil de Carrinhos de Lomba	1940
Travessia de Porto Alegre a Remo	1938/1939/1940
Circuito Ciclístico Porto Alegre-São Leopoldo-PoA	1938/1939/1940/1941
Campeonato Popular de Tênis	1940
Torneio Universitário de <i>Foot-ball</i>	1938
Torneio de Vôlei Feminino	1940
Campeonato Popular de Futebol de Porto Alegre	1937
Campeonato Popular de Futebol de Porto Alegre	1938
Campeonato Popular de Futebol de Porto Alegre	1939
Campeonato Popular de Futebol de Porto Alegre	1940
Torneio de Basquete e Vôlei	1938

Quadro 1 - As competições esportivas no período de 1937-1941

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os clubes esportivos, particularmente, aqueles identificados com os imigrantes alemães e italianos foram convocados a participar das manifestações cívicas e patrióticas durante o Estado Novo. A participação dos clubes esportivos nas comemorações da “Semana da Pátria” em Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940 foi marcante, conforme pode ser constatado nas fontes impressas e orais. Através do engajamento nos desfiles e da promoção de competições na “Semana da Pátria”, os clubes esportivos demonstravam o sentimento patriótico. O patriotismo dos clubes esportivos era atestado pela Liga de Defesa Nacional, que conferia um diploma para as associações que desfilavam na “Semana da Pátria”.

As festividades do “Sete de Setembro” não se reduziram à comemoração de uma data memorável; ao contrário, procurou envolver os clubes esportivos na tarefa de construir a identidade cultural brasileira. Apesar do descompasso cultural dos clubes fundados pelos imigrantes europeus, esses tiveram que recuperar alguns fragmentos de sua história e inscreverem-se no processo de construção da nação brasileira. Esta situação gerou o confronto simbólico dos clubes esportivos identificados com os

imigrantes em relação aos clubes considerados nacionais. Como fruto desta dinâmica, ocorreu a recomposição da identidade cultural dos clubes fundados pelos imigrantes alemães e italianos.

Havia a preocupação dos dirigentes e atletas dos clubes esportivos em afirmar a identidade nacional brasileira durante um período de elevada oposição a outras identidades culturais. Estas identidades construídas, historicamente, pelos clubes esportivos fundados pelos imigrantes europeus em Porto Alegre eram unificadas através das “Paradas da Mocidade”. Desfilavam as equipes esportivas, os dirigentes dos clubes, atletas conduzindo troféus, medalhas, equipamentos esportivos e o principal símbolo da unidade: a bandeira nacional. Desta forma, produzindo representações da identidade cultural brasileira os clubes esportivos expressavam seu orgulho cívico.

Os desfiles dos clubes e as competições esportivas conferem diferentes formas de participação e vivências no período em questão. Contudo, este breve estudo sugere que estas comemorações eram perpassadas por um viés nacionalista. As comemorações da “Semana da Pátria” se constituíram num momento de preservação e afirmação da memória nacional brasileira. Portanto, a recuperação da memória da participação dos clubes esportivos nestas comemorações pode revelar as complexas relações que se estabeleceram no passado do associativismo esportivo em Porto Alegre e sua relação com o presente e futuro dos clubes esportivos.

REFERÊNCIAS

AMARO Jr., J. (org.). **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 1º ano, 1942.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 6º ano, 1944.

AMARO Jr., J. (org.). **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 8º ano, 1949.

AS COMEMORAÇÕES da Semana da Pátria. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 06 setembro 1939.

BOBBIO, P. L.: **Coletânea de Legislação**. São Paulo: LEX, 1937-1945.
Boletim da Liga da Defesa Nacional. Diretoria Estadual do Rio Grande do Sul. Atividades Cívicas. Porto Alegre, 1983.

BÖHM, L. CARVALHO, L.; **História do Veleiros do Sul Sociedade Náutica Desportiva**: da fundação até a transferência da sede para o Bairro Cristal. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, volume 1.

BURKE, P. **O que é história Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARONE, E. **O Estado Novo (1937-45)**. São Paulo: DIFEL, 1976.

CHARTIER, R. **A história cultural - entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: DIFEL/Bertrand, 2000.

COERTJENS, M.; GUAZELLI, C.; WASSERMAN, C. Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, vol. 18, n. 3, julho/setembro 2004, p. 249-262.

FRANCO, A.; SILVA, M. & SCHIDROWITZ, J. (orgs.). **Pôrto Alegre**: biografia duma cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro. Livro Comemorativo do Bicentenário da Fundação da Cidade, 1940.

GERTZ, R. **O perigo Alemão**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

HALL, S. **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University, 1997.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, E. **Nações e Nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFMEISTER, C. **Pequena história do remo gaúcho**. Porto Alegre: CORAG. 1978.

MAZO, J. **A Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945):** espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. Porto, Portugal, 2003. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte) - Universidade do Porto.

O PRÉSTITO Allegorico constitui outro acontecimento de relevo das festividades. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 04 setembro 1940.

OS DESPORTOS na Semana da Pátria. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 03 setembro 1938.

PESAVENTO, S. (coord.). **Memória Porto Alegre:** espaços e vivências. Porto Alegre: SMCPA; Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

PIMENTEL, F. (org.). Liga de Defesa Nacional: 5 anos de atividades (1937-1942). **Coletânea**. Porto Alegre, s/d.

PIMENTEL, F. **Aspectos Gerais de Porto Alegre**. Imprensa Oficial. Porto Alegre, 1945.

Revista do Globo. Os esportes. Porto Alegre, n. 226, 1933. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

Revista do Globo. A mocidade brasileira vibra de entusiasmo durante a Semana da Pátria. Porto Alegre, n. 326, 12/09/1938, p. 25-29. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

Revista do Globo. O Grande Desfile da Juventude. Porto Alegre, n. 303, 13/09/1941, p. 37. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

Revista Vida Policial. Órgão da Repartição Central de Polícia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ano II, n. 17, dezembro de 1939.

Revista Vida Policial. Órgão da Repartição Central de Polícia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ano VI, n. 62, Setembro de 1943.

Revista Vida Policial. Órgão da Repartição Central de Polícia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ano VI, n. 63, Outubro de 1943.

Revista Vida Policial. Órgão da Repartição Central de Polícia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ano VI, n. 64, Novembro de 1943.

RYAN, M. A parada norte-americana: representações da ordem social do século XIX. In: Hunt, Lynn. (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, p.178-209, 1992.

SANTOS, B. **Portugal um retrato singular**. Porto: Afrontamento, 1993.

SGANZERLA, C. A lei do Silêncio: repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937 – 1945). Passo Fundo: Editora UFP; EST Edições, 2001.

SILVA, H. **SOGIPA: uma trajetória de 130 anos**. Porto Alegre: Gráfica Editora Pallotti, Editores Associados Ltda, 1997.

SMITH, A. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

THIESSE, A. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa: Temas e Debates Actividades Editoriais, 2000.

TORRES, A. S. A campanha nacionalizadora cívico-educativa e a semana da pátria na imprensa de Porto Alegre (1937-1945). Porto Alegre, 1997. **Dissertação** (Mestrado em História) - PUCRS.

Contatos:

Avenida Lucas de Oliveira, 2507/402 – Bairro: Petrópolis
CEP: 90.460-001 – Porto Alegre/RS
janmazo@terra.com.br

Rua Américo Vespúcio, 892 – Bairro: Higienópolis
CEP: 90550-031 – Porto Alegre/RS
lhrsilva@yahoo.com.br

Recebido em: 23/04/07

Aprovado em: 20/08/07